

EDIÇÃO 451

# CAMPUS

# Isolada

O ano em que a UnB ficou em casa  
e a cidade ocupou os jardins do Darcy Ribeiro

# As malabaristas

Conciliar maternidade e estudos é mais difícil na fase remota

Por **Beatriz Socha**

Na hora do almoço, a estudante dos cursos de Psicologia e Dança na UnB se divide em três. Agora que sua mãe voltou a trabalhar, depois de meses em confinamento por conta da pandemia, a graduanda está sozinha em casa com a filha de 4 anos assistindo à aula pelo celular, apoiado em um suporte recém-comprado para esse fim, enquanto cozinha e arruma a casa. À noite, a universitária dará banho em sua filha e a botará para dormir, ao mesmo tempo em que ouvirá um professor e responderá perguntas. “Uma mãe só é uma boa mãe quando ela não está cansada”, diz a estudante, que pediu para não ser identificada por se sentir mal nessa situação. “Desde o início da quarentena, tem sido muito complicado. Eu sinto que falho.”

O isolamento que se instaurou no Brasil no início de março significou uma brusca mudança de rotina na qual, basicamente, o dia a dia do confinamento ficou baseado na configuração da residência de cada um. E para as mulheres mães, morando com seus filhos, essa realidade significou a criação de múltiplas novas funções e uma responsabilização excessiva que pode ter reflexos significativos em seu bem-estar físico, profissional, relacional e psíquico.

Uma aluna de doutorado da UnB, mãe de um menino de 2 e de uma menina de 5 anos, que também pediu o anonimato pelo mesmo motivo da primeira, ficou os quatro meses iniciais da quarentena sem trabalhar, dedicando-se inteiramente às crianças, inventando atividades e brincadeiras para distraí-las e acalmá-las. “As minhas maiores dificuldades foram duas”, conta. “Primeiro, conseguir lidar com tanta ansiedade gerada por essa ruptura enorme na rotina. Depois, lidar com todas essas questões de incerteza e medo, que quase todo mundo sentiu, mas tendo duas crianças em casa. Tive que fazer o suporte delas também.” A estudante se viu ficando muito estressada, pois sua vida passou a girar completamente em torno dos filhos, com a perda da rede de apoio com a qual estava acostumada. “Era uma demanda infinita, e eu me sentindo muito culpada tentando supri-la.”

Além da questão discente, os problemas da maternidade na pandemia também atingem as docentes. Para a professora de arquitetura da UnB Carolina Pescatori, mãe de uma menina de 7 e um menino de 11 anos, esse é um tema que desvela mais uma dimensão da desigualdade de gênero. “Muitas vezes esses novos papéis que apareceram na pandemia serão presumidamente assumidos por nós, mulheres”, diz. Ela relata que, além da camada de afazeres domésticos, também assumiu uma função ainda maior de educadora para os filhos nesse período e passou a acompanhá-los muito mais de perto em seus afazeres escolares. Carolina leciona duas disciplinas na graduação e uma na pós, tem dois orientandos de mestrado, um de doutorado, cinco de graduação e cinco do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Os encontros acadêmicos tomam todo o seu dia, e, quando alguma brincadeira de seus filhos acaba invadindo sua reunião com os alunos, ela se organiza mentalmente para não se desculpar. Afinal, foi o trabalho que invadiu a casa, e não o contrário. “Meus filhos são pequenos, essa é minha configuração familiar, mas parece que existe uma expectativa de que as coisas funcionem da mesma forma que no ambiente presencial, o que é muito difícil.”

Crianças “invadindo” o ambiente acadêmico também preocupam a aluna de Psicologia. “Quando assisto às aulas e faço reuniões enquanto estou com minha filha, eu tenho que desligar minha câmera e isso tem sido problemático, pois os professores pedem que a câmera fique ligada. Mas quando eu ligo, eles veem minha filha passando, pegando meu cabelo... Alguns alunos já falaram que isso os distrai”, relata a aluna.

## Os impactos da culpa materna

A psicóloga e educadora parental Raíssa Sant’Anna explica que a culpa materna é um termo reconhecido pela psicologia e muito presente nos relatos e queixas das mães. “Na nossa sociedade, é delegado para a mulher o papel de mãe, esposa, dona de casa, estudante e trabalhadora. São inúmeras funções que ela deve cumprir”. A especialista acrescenta que não se trata de um “cumprir” qualquer. “É um ‘cumprir’ de sentido muito perverso com a mulher, pois vem acompanhado de um sentimento de inadequação e insatisfação, devido à expectativa altíssima que é socialmente imposta a ela”, explica. “Essa pressão de desempenho e a romantização da maternidade



Ilustração: **Beatriz Socha**

estão muito enraizadas na nossa cultura e nas nossas práticas, e são motivo de muito sofrimento.”

Raíssa ressalta também que “os múltiplos papéis exercidos pelas mulheres, em um contexto fora da pandemia, são mais facilmente demarcados pelo ambiente físico.” Ou seja, se a mulher está no ambiente de trabalho, por mais que ainda seja mãe, o lugar em que ela está a delimita ao papel de profissional. “Assim, a mulher consegue ter uma divisão de tarefas mais efetiva, com a colaboração de uma rede de apoio que cuida do seu filho naquele momento”, explica a psicóloga. “Sem a vivência nesses ambientes, a falta de conciliação e delimitação entre todos esses papéis é um fator de risco para o adoecimento psíquico: ansiedade, depressão, situação de estresse elevado, ou Síndrome de Burnout.” Esse distúrbio emocional, também conhecido como Síndrome do Esgotamento Profissional, se caracteriza por exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultantes de situações de trabalho desgastante, que demandam muito cuidado ou responsabilidade.

## As mães negras podem sofrer mais

O desgaste materno foi o assunto debatido pelo Instituto Think Olga, organização não governamental focada em criar impacto positivo na vida de mulheres, durante live no dia 16 de setembro. A palestra digital também abriu a discussão para englobar outras realidades, muitas vezes esquecidas e marginalizadas. “De qual mulher estamos falando?” questionou a jornalista Mariana Rosa durante o debate. “Se pensarmos na mulher negra e na mulher pobre, essas são mães que não param com a pandemia. Que tipo de cuidado essa mãe vai poder oferecer ao filho enquanto desempenha outros tipos de cuidados?”, indagou Mariana.

Segundo Deh Bastos, fundadora da instituição Criando Crianças Pretas, existem caminhos possíveis para a diminuição dessa sobrecarga. “Temos um ganho com a conscientização do papel do pai – conscientização essa que também vem das mulheres”, pontuou. “Abrir esses diálogos e falar abertamente acerca da sobrecarga materna é desmistificar o que é o papel de uma mãe. Vejo esse caminho sendo aberto: a maternidade para além da relação mãe e filho”. Para ela, o cuidado deve ser uma responsabilidade de todos, não uma questão de gênero ou de relacionamento afetivo, envolvendo toda a sociedade: setor público, privado, escolas e vizinhos. “Que todos tenham esse entendimento do cuidado com as crianças, e que montem contextos mais saudáveis para essa criação.”

# Rompendo fronteiras

Alunos da UnB ampliam estadia fora do país por conta da pandemia

Por **José Odeveza**

Quem diria que, em meio a um cenário de crise e pânico mundial, estudantes escolheriam permanecer longe da família e do seu país natal. Com um contexto incerto sobre a Covid-19 e com grande parte dos aeroportos fechados para viagens internacionais, a Universidade de Brasília (UnB) logo em maio interrompeu todos os processos de novos intercâmbios para 2020.

Com as vagas do segundo semestre de 2020 ociosas, a oportunidade de permanecer por mais um período letivo em intercâmbio foi ofertada para os 134 estudantes que já estavam em universidades parceiras do exterior. Apesar de a maioria optar pelo retorno em meados de julho de 2020, 30 estudantes solicitaram a permanência até o fim do ano.

Na grande maioria dos casos, a principal justificativa se dava pela situação de maior controle da doença em contraponto ao avanço do vírus no Brasil. A ampliação do período também abriu a oportunidade para que os estudantes que passaram boa parte dos primeiros seis meses fora do país trancados em um apartamento pudessem vivenciar de fato a experiência que um intercâmbio pode proporcionar.

Leonardo Brito, estudante do 8º semestre de Relações Internacionais da UnB, estava em sua primeira viagem internacional, e inicialmente se assustou com o rápido avanço da doença pelo mundo. Bastaram poucas semanas desde que havia chegado à Australian National University (ANU), em Camberra, capital da Austrália, e logo saíram as notícias relativas à pandemia de covid-19, juntamente com medidas restritivas no país. Apesar de ter conhecido pontos turísticos da sua nova cidade e da universidade, Leonardo passou três meses – abril a junho – do primeiro semestre do intercâmbio dentro de casa, realizando aulas virtuais. Pensou várias vezes em voltar para o Brasil.

“Tornou-se até um pouco surreal acompanhar o desenrolar da pandemia aqui e no Brasil ao mesmo tempo. A sensação, às vezes, era de que eu tinha escapado de forma meio injusta. Talvez em parte por conta disso e pelo efeito do isolamento ao longo desses primeiros meses, eu estava bastante convencido de que estaria voltando para casa em julho”, explica Leonardo.

Com a possibilidade de expandir sua estadia no país, o estudante ficou mais confiante para vivenciar novas experiências culturais em seu intercâmbio, já que o cenário pandêmico da região estava mais tranquilo.

“Neste segundo semestre, entretanto, todos tivemos mais tempo para nos preparar e adaptar a esse novo normal e esse processo tem sido muito mais fluido e íntegro. Eu tô bem convencido que é algo que vai ter um impacto definitivo no meu desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual daqui em diante.”

No entanto, nem só os “marinheiros de primeira viagem” foram pegos de surpresa com o avanço da doença e seus impactos em diversas partes do mundo. A estudante de Letras Francês Katarina Sujono, de 21 anos, mesmo em sua sétima viagem internacional, se questionou se valia a pena permanecer em um intercâmbio em meio a tantas dificuldades.

“Tudo passou a ser online duas semanas depois da minha chegada, as lojas foram fechadas e fui obrigada a aprender a cozinhar. De início, eu me senti bastante mal, não é sempre que se pode fazer um intercâmbio, e ter essa experiência única repentinamente arruinada foi um choque.”

Apesar de estudar francês, a estudante escolheu realizar seus estudos sobre linguística na Universidade de Colônia, na Alemanha. A estudante chegou no dia 3 de março deste ano, e bastaram apenas duas semanas para que os primeiros casos

da doença fossem notificados no país. No início foi um susto, mas ela confessa que “o jeito alemão de resolver os problemas” rapidamente a tranquilizou.

“A Alemanha lidou muito bem com a pandemia. O uso de máscaras logo se tornou obrigatório, a universidade se adaptou rapidamente ao meio online de aulas e muitas medidas relacionadas ao distanciamento social foram tomadas, de modo que só ficamos rigorosamente um mês de quarentena e dois meses andando de mercado em mercado para encontrar pão de forma e papel higiênico.”

Com a ampliação de sua estadia e a situação mais tranquila da doença na região, Katarina deve aproveitar para conhecer mais cidades da Alemanha e para buscar um segundo diagnóstico para a síndrome de Ehlers Danlos – conhecida como Síndrome do Homem Elástico. Ela foi diagnosticada aqui no Brasil, em 2017, e a Alemanha possui um teste definitivo para essa doença genética rara.

Permanecer por mais um semestre em um outro país como intercambista eleva muito os custos da viagem. E realmente não são todos os estudantes que possuem o suporte financeiro do “paitrocínio” – expressão informal dada para quando os pais são os únicos responsáveis pelos gastos dos seus filhos.

O estudante do 10º semestre de Engenharia Elétrica Pedro Augusto Montel só pode continuar mais um semestre em seu intercâmbio na Temple University, nos Estados Unidos, graças a uma bolsa de auxílio financeiro. A bolsa foi adquirida pelos seus trabalhos como assistente de pesquisa na Universidade da Filadélfia, estado da Pensilvânia.

Em 2020, o dólar bateu a segunda maior cotação em relação ao real dos últimos 18 anos, perdendo apenas para 2002.

“Esse fator foi o motivo crucial pelo qual optei por permanecer, pois isso faria com que eu pudesse suportar os principais custos do intercâmbio, como moradia, por exemplo. Minha família sempre me apoiou quanto às minhas decisões e me encorajou desde o primeiro momento em que mencionei com eles a possibilidade de uma extensão do programa”, relata Pedro Augusto.

Assim como para os outros estudantes, a baixa dos casos no estado também foi um fator determinante para sua permanência por mais um semestre. Segundo ele, no segundo semestre também irá tentar conhecer outras cidades do Estados Unidos e vivenciar mais o país norte-americano.

Para 2021, ainda não se sabe ao certo como estarão o funcionamento dos intercâmbios e as parcerias internacionais da UnB. No entanto, segundo a Assessoria de Assuntos Internacionais da Universidade, a vontade de vivenciar novas culturas ainda tem motivado muitos estudantes brasileiros na procura por intercâmbios pelo mundo afora.



Katarina Sujono em frente à Catedral de Colônia: “A Alemanha lidou muito bem com a pandemia.” Foto: Arquivo pessoal



Leonardo Brito, recém-chegado à Austrália, ainda antes do primeiro caso de Covid-19 anunciado no país. Foto: Arquivo pessoal



Pedro Augusto em frente à estátua do mascote da Temple University: “Minha família me encorajou”. Foto: Arquivo pessoal

# O Darcy virou parque

Espaço e arborização do campus atraem visitantes na pandemia

Por **Beatriz Castro**

Que as áreas verdes do Campus Darcy Ribeiro proporcionam um fim de tarde agradável, os alunos já sabiam. O potencial do espaço de abrigar um parque urbano para a comunidade, no entanto, foi descoberto durante a quarentena.

Decretos governamentais mantiveram os parques de Brasília fechados de março a junho, período que coincidiu com a seca na cidade, altas temperaturas e baixa umidade do ar. Afetados pelo confinamento, brasilienses passaram a buscar alternativas para se exercitar ou relaxar ao ar livre sem romper com o isolamento social, como recomenda a Organização Mundial de Saúde (OMS). Cangas estendidas e piqueniques passaram a ser vistos em muitos jardins da cidade, mas a UnB atraiu atenção especial.

Foi o que aconteceu com Gianmarco Ferreira, 48. Por morar nas redondezas, Ferreira e a família já tinham o costume de andar de bicicleta em pistas do campus. Nesses passeios, perceberam que a UnB era um lugar seguro em termos de distanciamento. Assim, pela primeira vez nos mais de cinco anos transitando pelo espaço, eles conheceram os jardins. Agora, a família frequenta a UnB cerca de cinco vezes por semana, sempre no fim da tarde.

Além disso, o campus virou um local para a família encontrar amigos. Depois de fazer o primeiro piquenique, passaram a convidar casais de colegas, que não conheciam o espaço, para participar. O sucesso foi tanto que o aniversário de sete anos de Cecília, filha de Ferreira, foi celebrado nesse formato.



Piquenique de aniversário de sete anos de Cecília, nos jardins da UnB. Foto: Arquivo Gianmarco Ferreira

“Como não podemos encontrar com muita gente, chamamos dois casais de amigos, com filhos da idade dela. Cada um em um piquenique, na sua canga”, diz Ferreira. O único contratempo da ocupação, pontuado por ele, é a produção de lixo. As visitas, aliadas à pouca quantidade de lixeiras, geram garrafas de bebida e guardanapos espalhados pelo espaço.

## Na esteira de Burle Marx

Como a família de Ferreira, há muitos outros frequentadores. Em alguns dias, os jardins entre o Instituto Central de Ciências e a reitoria se parecem com qualquer outro parque de Brasília, principalmente nos fins de semana. Há pessoas tomando sol, estudando, praticando esporte. Em nota ao **Campus**, a Coordenadoria de Parques e Jardins (CPJ) da Universidade de Brasília atribuiu grande parte do sucesso ao projeto paisagístico, do qual participou Fernando Chacel. Fundador da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, o arquiteto morreu em 2011 e era considerado sucessor de Burle Marx – paisagista brasileiro renomado internacionalmente –, de quem foi estagiário. O projeto dos jardins da UnB integra o plano-piloto da Universidade, elaborado por Lucio Costa, que previa um campus-parque, com as edificações dispersas em um grande gramado.

A CPJ tem registrado a movimentação no campus no Instagram (@jardins\_unb). A Coordenadoria apara o gramado e retira galhos e árvores mortas. Novos projetos paisagísticos não estão sendo implementados, mas parte dos jardins existentes estão em processo de renovação e complementação, como é o caso dos balões e das proximidades da reitoria.

## Acrobacia e segurança

Os jardins do Darcy Ribeiro também conquistaram a professora de acrobacia aérea Ana Valéria, 38. Os primeiros decretos da pandemia fecharam academias e escolas, que eram seu espaço de trabalho, e em casa não foi possível praticar o esporte sem equipamentos nem o principal: muito espaço. Adepta da arte circense desde os 17 anos, Ana nunca havia passado tanto tempo sem praticar. Depois de quatro meses em confinamento, a professora foi buscar locais com muitas árvores, em que pudesse pendurar os utensílios, e pensou na UnB.

“Estudei aqui, então sabia da existência dos jardins, mas não imaginei que estivesse tendo esse



Para disfarçar as altas temperaturas, visitantes protegem-se do sol sob as árvores. Foto: @JardinsUnB

movimento todo. Aqui as árvores são altas e muitas. Posso pendurar tecido, lira, slackline e uma rede para descansar. Já fui três vezes, me arrependi de não ter tido essa ideia antes. Com certeza irei várias outras, até depois da pandemia”, conta a professora.

O fluxo de pessoas, no entanto, preocupa a segurança do campus. Ao perceber o movimento, João Neto, supervisor de Segurança, deu uma nova orientação à equipe: garantir que a distância mínima requerida esteja sendo cumprida. “Não há problema em ocupar o espaço, desde que as pessoas sigam as recomendações do decreto. Desde o começo, fiscalizamos o grupo e, se for o caso, pedimos para se afastarem”. Fora isso, João garante que há tranquilidade na Universidade e que não houve nenhum registro de infração desde a interrupção das aulas.

## De todo mundo

Mesmo estudando e trabalhando na UnB desde 2009, o professor da Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo (FAU/UnB) Luis Alejandro espantou-se com a beleza da vegetação ao conhecer os jardins. Durante a quarentena, ele precisou ir ao campus para pegar materiais em sua sala e levou seu filho de cinco anos, que pediu para passar mais tempo entre as árvores, procurando pássaros. Desde então, Alejandro e o filho frequentam a UnB todos os dias da semana.

“Para nós que somos adultos, a quarentena já é uma situação difícil. Ele, que é criança, não entende. Ficava muito agoniado em casa. Aqui ele pode gastar energia e curtir o ar livre, sem nenhum perigo”, conta o professor.

Ele vê a integração com o público externo, potencializada pela ocupação do campus, como uma necessidade para a Universidade. “As pessoas têm um pouco a visão de que a UnB é pra quem estuda lá, sendo que não, ela é de todo mundo, é para ser usada”, diz. “Tem um grandíssimo espaço verde que permite que as pessoas venham e passem a tarde, e é isso que passará a acontecer mais.”

## Expediente Campus 451

### CAMPUS

Jornal-laboratório  
Departamento de Jornalismo (JOR)  
Faculdade de Comunicação (FAC)  
Universidade de Brasília (UnB)

### Professores

Sérgio de Sá, Solano Nascimento

### Jornalista

José Luiz Silva

### Reportagem, edição e fotografia

Beatriz Castro, Beatriz Socha, José Odeveza

### Diagramação

Beatriz Castro, Beatriz Socha

### Contato

nascimento@unb.br

### Fotografia da capa

Matheus Dutra

## Memória

Em 2013, o **Campus** mostrou que a promessa do GDF de criar e revitalizar até o ano seguinte um total de 72 parques estava muito longe de ser cumprida. Faltavam manutenção, segurança e fiscalização nos parques, e alguns deles estavam servindo para depósitos de lixo e móveis velhos.



# Movimento e produção

Covid-19 vira objeto artístico em exposições virtuais de alunos da UnB

Por **Beatriz Castro**

A interrupção do período letivo por conta da pandemia da Covid-19 não impediu que os artistas em formação da Universidade de Brasília continuassem a se ocupar de seu campo de estudo, hobby e estilo de vida: a arte. Adequando-se à tecnologia, exposições virtuais foram alternativas para produção artística durante a pandemia. Além de traduzir as impressões dos estudantes sobre o período de isolamento, o contato e as trocas ocorridas durante as exposições contribuíram para dinamizar o dia a dia dos estudantes e ajudá-los a superar as dificuldades do período.

As exposições são fruto do projeto de extensão “Ações em Arte em tempos de Covid”, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes (Vis/IdA), para promoção de iniciativas que se inserissem na realidade do isolamento social. Em trabalho coletivo com os estudantes das disciplinas Materiais 1 e Gravura 1, a professora Lynn Carone coordenou, em parceria com a também professora Andrea Campos Sá, duas exposições da extensão: Instante e Intangível. As mostras foram hospedadas em perfis no Instagram.

O conceito e a temática das exposições foram elaborados a partir das discussões ao longo do semestre, relativas às questões teóricas artísticas e ao momento de pandemia. A coordenadora Lynn Carone ressalta que todo o processo de idealização, até a escolha dos títulos e a curadoria das obras, partiu dos alunos. “Eu fui mapeando o que deveria ser estudado e alguns conteúdos a serem trazidos a partir das reuniões. Meu trabalho foi de maestra. Eles eram uma orquestra e eu ficava ali, só coordenando”, declara.

A mostra “Instante” procurou retratar o olhar de cada um dos artistas em meio à suspensão temporal da Covid-19. As obras podem ser acessadas em uma galeria virtual 3D, na qual o participante, apenas com o cursor do mouse, pode recriar a experiência de uma galeria física.

A estudante Marina Dutra, 21, integrou o projeto por fazer parte da disciplina Gravura 1. Para a artista, o isolamento significa saudade do mar, sentimento que virou título de sua obra, cuja combinação de transparências remeteu à água. “Naquela semana em específico, eu estava com muita saudade da praia. Acabou que, quando produzi, saí do mar. Não sei se minha mente fez isso propositalmente, ou se eu estava pensando tanto que assim que vi a imagem associei à praia, mas me aliviou”, conta Marina.

O resultado dos trabalhos da exposição, além de imagens figurativas do “olhar” de cada artista e as correspondências anônimas trocadas pelos estudantes com suas percepções sobre o período, estão disponíveis no Instagram @instante\_expo. Já o objetivo da exposição “Intangível: matéria sensível” era provocar um novo olhar sobre os objetos, para estimular os alunos a transformar as casas em laboratórios e campos de pesquisa. Sequências de fotos ressignificando utensílios como fósforo, lâ, louças e até roupas traduziram os sentimentos de cada artista sobre a pandemia a partir de seus pertences.

Uma das obras é Arame, de Arthur Camarão, uma instalação de materiais mistos, como madeira e tecido, todos agrupados por arame farpado. Sobre o trabalho, o artista explica: “O arame farpado é usado para impedir a circulação dos corpos pelo espaço. Nesse momento em que o direito de ir e vir de todos está suspenso, estamos todos presos nos nossos próprios corpos, com todas as dores que nascem disso.”

As obras desenvolvidas, assim como as especificações, estão expostas no Instagram @matéria\_sensível.

O maior ganho das atividades, para os envolvidos, foi trazer perspectiva para o momento atual. “O projeto colocou os jovens em movimento, em reflexão. Muitos estavam adoecendo. Essas trocas, para além de discussões teóricas e práticas, foram humanas, para discutirem questões afetivo-emocionais, o que ajudou que elas também se equilibrassem”, defende a professora.



Galeria virtual da exposição “Instante”, produzida por um dos artistas do projeto, Morgan Taro. Foto: Site Galeria Virtual

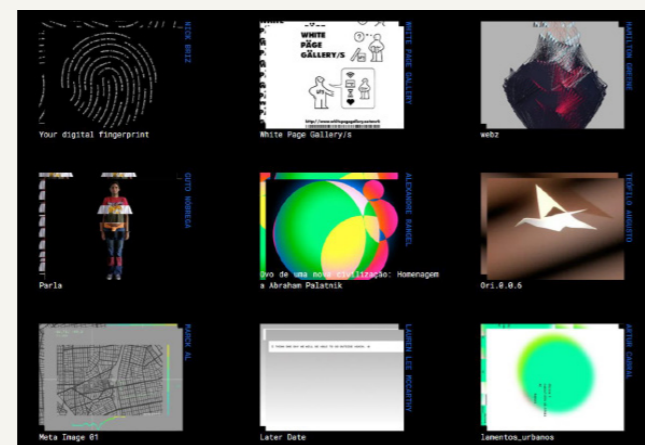
A estudante Marina Dutra reforça a afirmação ao falar sobre a relação do trabalho com sua saúde mental. “Se eu não tivesse feito isso estaria com menos saúde mental do que estou agora. Foi uma forma de me conectar com outras pessoas, mesmo que por uma tela.”

Carone enxerga a readequação do fazer artístico à tecnologia como uma oportunidade. “Temos de criar novas formas de dar continuidade para o trabalho artístico. Para isso, temos que usar novas ferramentas tecnológicas, nos alfabetizar virtualmente”, afirma a professora. Mesmo no ensino,

em que há ainda mais obstáculos, a coordenadora acredita que houve um lado positivo no uso das tecnologias. “Os alunos têm uma cultura de internet muito melhor do que a nossa. Foi muito bom para, como professora, eu me renovar também.”

## Arte computacional

Outra iniciativa do projeto “Ações em Arte em tempos de Covid” foi a mostra interativa “Prospecções Afetivas: em tempos de pandemia”, organizada pelo artista e professor do Vis/IdA Artur Cabral, com curadoria da também artista e professora Suzete Venturelli, e produção do Medialab/UnB. A mostra está hospedada no site <https://prospeccoesafetivas.medialab.unb.br/>



Página inicial da exposição “Prospecções afetivas: em tempos de pandemia” Foto: Site Prospecções Afetivas

A exposição procurou explorar como a arte computacional se posicionou nos tempos de isolamento. Como lidar com apropriação de tecnologias digitais e de comunicação no pós-pandemia também são temáticas abordadas. São mais de 15 obras interativas, de professores, pesquisadores e alunos da UnB. A mostra conta com a participação de artistas convidados de diversas regiões do Brasil, da Itália, dos Estados Unidos e da Holanda.

A montagem de uma exposição remota requer mais organização e precisão, características que para o professor Artur Cabral foram o maior ensinamento desse novo formato, que elimina barreiras físicas. Para integrar o público, os artistas e a organização, a “Prospecções Afetivas” contou com uma cerimônia de abertura virtual, em que os participantes podiam conversar pelo chat.

A obra de Artur, Lamentos Urbanos, traz uma visualização de dados da pandemia, como o número de infectados e de óbitos, por região. A prática ajudou o artista a compreender as questões do período. “Há um diálogo de como lidar com o alto número de mortes, as questões do isolamento, e a arte amplia esses diálogos de outra forma.”

Segundo o pesquisador, muitos artistas estavam isolados e sentiram que a exposição deu sentido para o que estavam produzindo e pesquisando no período. “Vários artistas que contactamos responderam que não tinham obras para expor, que estavam em hiato criativo, mas depois desse primeiro contato se sentiram instigados a criar e se movimentar”, detalha Artur.

# Empreender na pandemia

Estudantes da UnB criam negócios em meio à crise

Por **Beatriz Socha**

Segundo o IBGE, 700 mil pessoas passaram a fazer parte da estatística do desemprego nas duas primeiras semanas de junho no Brasil. A estudante de Artes Visuais da Universidade de Brasília Marina Dutra foi uma entre os tantos trabalhadores que perderam o emprego no início da pandemia. Mas a estudante, que também é artista, aproveitou o momento para divulgar nas redes sociais as ilustrações digitais que vinha praticando, e ouviu a demanda de seus seguidores, que pediram a ela que vendesse as artes.

Marina criou, então, uma conta profissional para o seu negócio, o @pente.jpeg, e, mesmo com a volta às aulas, usa todo o seu tempo livre para produzir, vender e entregar as ilustrações – que são tanto digitais, feitas no iPad e depois impressas, quanto manuais, feitas com tinta acrílica e caneta colorida em suportes variados.

Marina é exemplo de um grande movimento empreendedor ocorrido no Brasil durante a pandemia. Nos nove primeiros meses deste ano, o número de microempreendedores individuais (MEIs) no país cresceu 14,8%, na comparação com o mesmo período do ano passado, chegando a 10,9 milhões de registros. Foram 1,15 milhão de novas formalizações entre o fim de fevereiro, pouco antes do início da pandemia, até o fim de setembro, segundo dados do Portal do Empreendedor, do governo federal.

Assim como Marina, Ana Pedreira, estudante de Arquitetura da UnB, aproveitou o aumento no movimento das redes sociais nesse período para iniciar um negócio. Ela também perdeu o emprego por conta da pandemia, e, logo no primeiro mês de confinamento, resolveu comprar os direitos de uma franquia de calçados femininos. “Eu estava um pouco receosa em fazer o investimento, pois nunca tinha feito nada parecido. Mas achei que, como eu teria muito tempo livre pela frente, eu poderia investir nisso”, explica. Hoje, Ana está em um novo emprego, mas isso não a impediu de continuar investindo em sua loja online, a Poranga Cyano.



Modelo Milene, da marca de sapatos Poranga Cyano, criada por Ana Pedreira. Foto: Poranga Cyano

As duas estudantes utilizam a plataforma do Instagram para gerenciar os negócios e vender os produtos e veem muitas vantagens na rede. “O fluxo de informação online está muito ativo ultimamente, então é muito melhor divulgado quando você faz alguma coisa e posta. Tem mais alcance”, conta Marina Dutra.

Realmente, as redes sociais foram determinantes para a rotina do mundo em pandemia. De acordo com uma pesquisa do GlobalWebIndex, o mês de julho deste ano viu um aumento de 10,5% no uso de mídia social, em comparação a julho de 2019. O estudo apontou também que cerca de 46% das mulheres e 41% dos homens afirmam que passaram mais tempo nas redes sociais durante a pandemia.

Outra estudante que criou seu próprio empreendimento no Instagram foi Bárbara Silva, que está se formando em Ciências Sociais. No período de aulas presenciais, Bárbara trabalhava para a J&A Marmitas e revendia os alimentos do comerciante Amaral Martins no ponto da Faculdade de Saúde da UnB. Quan-

do as aulas da Universidade pararam, a aluna decidiu criar a própria empresa de alimentos – a Cerrado Veg – e passou a vender hambúrgueres veganos que ela mesma prepara.

Diferentemente das outras estudantes, porém, Bárbara vê menos vantagens no empreendedorismo online. “Era bem melhor enquanto trabalhava na UnB”, afirma. Na época, tinha um horário de trabalho bem delimitado e um salário garantido ao final do mês. “Agora, a lojinha online toma muito mais tempo, porque, além de cozinhar as refeições, também as entrego. Estou me virando como posso.”

Amaral Martins, que contratava Bárbara para revender as marmitas preparadas pela esposa, Janete Martins, não teve a mesma sorte de readaptação das estudantes. Ele vendia marmitas na UnB desde 2014. O fim das aulas presenciais na Universidade significou o fim do sucesso do seu empreendimento. “Tentamos fazer delivery aqui em São Sebastião, onde moramos, mas não está saindo bem. Não sou conhecido por aqui, então fica muito difícil”, lamenta Amaral. A falta de posicionamento e divulgação do negócio nas redes sociais foi uma das principais dificuldades para a venda das marmitas nesse período. Para Ana Pedreira, da Poranga Cyano, essa divulgação é necessária para atingir também novos públicos.



Pão de “beijo”, um dos principais pratos da Cerrado Veg, marca de Bárbara Silva. Foto: Cerrado Veg

Muitos empreendedores brasileiros perceberam a importância das redes nesse período de confinamento. Um levantamento feito pelo Sebrae na última semana de agosto comprova que os pequenos negócios de todo o país investiram na presença nos canais digitais (redes sociais, aplicativos e sites). Enquanto no levantamento feito no fim de maio 59% das empresas utilizavam esses canais, atualmente esse percentual chega a 67%.

Além do Instagram, o WhatsApp também é um canal para a divulgação de negócios individuais. É o caso da Ana Clara de Souza Gomes, estudante de História da UnB, proprietária da PA Impressões. A empresa já existia antes da pandemia, mas se destacou com a volta remota às aulas, pois virou canal para a entrega de impressos. “Sempre trabalhamos no sistema de encomenda e entrega, pois também sou estudante na UnB e fazia as entregas nos intervalos das aulas. O que mudou com a pandemia foi a oscilação abrupta da demanda e a necessidade de entregar em casa para os clientes”, conta Ana Clara. A estudante contratou um entregador nesse período para auxiliá-la com a demanda, que foi para uma média de 40 mil páginas no mês.

A flexibilização do confinamento não significará o fim dos empreendimentos individuais. Marina vê o início do negócio como uma ótima maneira de as pessoas terem acesso ao seu trabalho. “Ter um desenho meu na parede de alguém me deixa lisonjeada demais”, conta. Ana definitivamente continuará com a loja de calçados: “Pra mim, é uma questão de organização pessoal. Hoje dedico em média 14 horas por semana para o meu negócio e, mesmo sendo pouco, consigo ver que ele está crescendo mesmo assim.”

# Múltiplas vozes da arquiduquesa

Dor e injustiças exploradas em vida dão lugar ao sorriso de Lorena Costa

Por **José Odeveza**

**P**rofunda e de sorriso íntimo. Essas são duas características que para muita gente poderiam ajudar a descrever a jovem Lorena Costa, de 28 anos. Pagã, como ela se autodenominava, a estudante com seus mais de 200 escritos partiu com muitas conquistas, mas ainda cheia de sonhos.

No dia 22 de maio, Lorena havia expressado em seu blog temor acerca das reaberturas comerciais em Brasília em meio à pandemia: “Corona, querido... Queria morrer de outra forma, não como uma camponesa medieval”, escreveu. Estava numa fase boa e acabara de conseguir um trabalho fixo como designer.

Menos de duas semanas depois, em 3 de junho, uma dor abdominal que a assombrava havia anos causou-lhe um desmaio. Um cisto no ovário rompeu-se com a queda: era endometriose. Ela precisou fazer uma cirurgia de emergência no Hospital Regional do Paranoá e acabou contraindo a Covid-19 durante a recuperação. A jovem foi transferida para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran) e depois para o Hospital Regional de Santa Maria (HRSM), onde morreria em 1º de julho, após dias na UTI.

Lorena deixou para trás o que de melhor pôde oferecer àqueles que se permitiram conhecê-la: para as amigas e amigos, a lealdade; à irmã, Larissa, um exemplo a ser seguido; para sua família, um motivo de orgulho; à ex-namorada Palloma e à noiva, Talisia, o eterno carinho.

Eder Monteiro, amigo de Lorena, lamentou a morte de sua grande parceira de estudos e vida. “Eu perdi mais do que uma amiga. Perdi uma colega de faculdade e uma grande companheira de trabalho que ajudou muito no projeto de pesquisa que vínhamos desenvolvendo na UnB. Perdi uma amiga de todas as horas, alguém a quem eu podia falar de to-



Pobre, negra, gorda e lésbica foram os estigmas sociais atribuídos a Lorena, mas nunca limitadores. Foto: Arquivo pessoal

dos os assuntos, e dar muitas risadas.”

Lorena cresceu sem um pai, em uma casa simples em Sobradinho. A realidade sempre foi mais difícil do que ela gostava de admitir. E talvez por isso, mesmo com uma voz doce, ela gostava de falar de dor e sofrimento. Em seus sentimentos, ela era Andrea D’Brabant, uma arquiduquesa medieval. Com esse nome, Lorena assinava os ensaios escritos sobre a própria vida.

Antes de conversar com o mundo, Lorena papeava consigo mesma, nas linhas do seu extenso blog. Em uma nota de 28 de janeiro de 2017, ela se questionava de forma bruta. “Se eu pudesse sair de mim apenas por alguns instantes, gostaria de conversar francamente comigo mesma. O primeiro passo que dei em direção à resignação foi compreender que todo mundo tem exatamente aquilo que merece”, desabafou no post.

Quando morreu, a estudante chegava ao fim de uma jornada de quase 10 anos na UnB, após troca do curso de Gestão Ambiental pelo de Jornalismo, na Faculdade de Comunicação (FAC). Período longo que trouxe multifacetadas profissionais à jovem. Esse percurso na universidade ajudou Lorena a sentir mais orgulho de ser uma mulher, pobre, gorda, negra e lésbica e alcançar objetivos bem maiores do que os marcadores sociais diziam que ela poderia atingir.

A preocupação com estigmas e preconceitos também apareceu na reportagem que Lorena publicou neste jornal **Campus** em junho de 2019. O texto conta como mulheres do Vale do Amanhecer, em Planaltina, têm avançado na autonomia, brigando contra o machismo e conquistado funções cruciais naquela comunidade religiosa.

Além de cursar as disciplinas na FAC, Lorena foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e participou do projeto Aprendizagem para o 3º Milênio (A3M). Trabalhava com mineração de dados em ambientes virtuais, orientada pela professora Suzana Guedes, do curso de Jornalismo.

De pensamento ágil e lógico, Lorena aprendeu a programar jogando vídeo games. E tudo estava sendo aplicado em seu Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título seria “O que é a notícia nos dados sobre o censo educacional do ensino básico divulgado pelo Inep”. A pesquisa tinha como objetivo geral desenvolver um programa na linguagem Python para extrair do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira dados sobre o Censo Escolar de 2017, não explorados como notícia pela grande mídia.

Sua orientadora de pesquisa, Suzana Guedes, lembra como foram os momentos com a jovem. “No decorrer dos meses, em conversas acadêmicas, havia ali uma inteligência ímpar jamais revelada de imediato. Sinto muita gratidão de ter tido a oportunidade de conviver com ela”, relata.

Lorena também trabalhou como estagiária no Correio Brasileiro durante quase um ano. O editor de Lorena durante o período de estágio no site, Humberto Rezende, destaca as muitas qualidades da jornalista. “No período em que estagiou aqui no site do Correio, Lorena se mostrou dedicada e responsável. Foi um prazer tê-la em nossa equipe porque, além de contribuir e ter bastante iniciativa, ela era uma pessoa agradabilíssima no convívio diário.”

Nas redes, Weudson Ribeiro escreveu que quem pôde conhecer Lorena sabia que ela era uma mulher de muita força de vontade. “A maior lição que aprendi com a minha melhor amiga foi que gargalhar é a saída mais honesta para lidar com o que não pode ser remediado. Era assim que ela driblava a depressão um dia após o outro.”

É reducionista pensar que em meio a tantas mortes por uma causa em comum a jovem Lorena tenha sido apenas mais uma para a estatística. Lorena será lembrada como mulher dona de suas tristezas, alegrias e conquistas. Foi fotógrafa, jornalista, designer, estudante, pesquisadora, programadora, filha, irmã e mãe de pet. E foi escritora: “Nunca mais vou baixar tanto a minha guarda a ponto de não poder distinguir quem realmente sou de quem quero ser.” - Andrea D’Brabant (Lorena Costa).

15/01/2017



Desmobilizar injustiças sociais era um dos usos da potente voz de Lorena.